

ft dia 24 repntagem
A aviação comercial do Brasil

VEM UMA PESSOA

24.4.49 RUBEM BRAGA

Vem uma pessoa de Cachoeiro de Itapemirim e me dá notícias melancólicas. Numa viagem pelo interior, em estradas antigamente belas, achou tudo feio e triste. A estupidez e a cobiça dos homens continuam a devastar e exaurir a terra.

E a cidade não parece muito satisfeita com seu prefeito. Trata-se de um jovem médico udenista, que tem muitas qualidades mas parece estar demasiado ocupado com a idéia de que poderá ser deputado federal. Não aceitou os serviços do SESP, que pretendia fazer um plano de esgotos para a cidade, necessidade imperiosa. E não se move para construir o campo de aviação, para o qual já existe verba no orçamento federal.

Minha cidade sofre com esse prefeito desatento, e é em vão que alguns vereadores, principalmente os dois socialistas, protestam na Câmara. Mas não são apenas notícias tristes que me chegam da terra. Ouço nomes de velhos amigos e fico sabendo de histórias novas. E a pessoa me fala da praia — de Alcatrazes — e diz que ainda continua reservado para mim aquele pedaço de terra, em cima das pedras, entre duas prainhas. Ali um dia o velho Braga, montando os tostões que puder ganhar batendo em sua máquina, levantará a sua casa perante o mar da infância. E plantará árvores e armará sua rede e meditará talvez com tédio e melancolia na vida que passou.

Esse dia talvez ainda esteja muito longe, e talvez não exista. Mas é doce pensar que o nordeste está

lá, jogando as ondas bravas e fiéis contra as pedras de antigamente; que milhões de vezes a espumarada recua e ferve, escachoando, e outra onda se ergue para arremeter contra o pequeno território em que o velho Braga construiu sua casa de sonho e de paz.

Como será a casa? Ah, amigos arquitetos, vocês me façam uma coisa tão simples e tão natural que, entrando na casa, morando na casa, a gente nunca tenha a impressão de que antes de fazê-la foi preciso traçar um plano; tenha a impressão de que é assim mesmo e naturalmente deveria ser assim; e que a ninguém sequer ocorra que ela foi construída, mas existe naturalmente, desde sempre e para sempre, tranquila, boa e simples. Uma casa, Caloca, em que não se tenha, nem de vez em quando, a consciência de se estar em uma determinada casa, mas apenas de estar em casa.

Que árvores plantarei? A terra certamente é ruim, além de pequena, e eu talvez não possa ter um fruta-pão nem um jenipapeiro; talvez mangueiras e coqueiros para dar sombra e música; talvez...

Mas nem sequer o pedaço de terra ainda é meu; meus títulos de propriedade são apenas êsses devaneios que oscilam entre a infância e a velhice, que me levam para longe das inquietações de hoje. Que rei sou eu, Braga Sem Terra, Rubem Coração de Leão de Circo, triste circo desorganizado e pobre em que o palhaço cuida do elefante e o trapezista vai pescar nas noites sem lua com a rede de proteção, e a luz das estrelas e a água da chuva atravessam o pano encardido e roto...

Mas me sinto subitamente sólido: há alguns metros, nestes 8 mil quilômetros de costa, onde posso plantar minha casa nos dias de aflição e de cansaço, com pedras de ar e telhas de brisa; e os coqueiros farfalham, um sabiá canta meio longe, e me afundo na rede, e posso dormir para sempre ao embalo do mar...

HR